

Os comunistas e a independência da Ucrânia

Luiz Falcão

COMITÊ CENTRAL DO PCR

A guerra pela anexação da Ucrânia travada entre as principais potências imperialistas continua assassinando milhares de ucranianos e transformando um país soberano numa nação destrozada com oito milhões de refugiados.

O governo de Putin diz que o objetivo da invasão da Ucrânia é defender a Rússia ameaçada pelas instalações de mísseis nucleares dos Estados Unidos e da Otan nos países próximos às suas fronteiras. Afirma também que a “operação especial militar” visa a proteger a população de fala russa que vive no leste da Ucrânia, região conhecida como Donbass e de grande importância econômica e estratégica. É claro que incorporar território de um país reconhecido tanto pela ONU quanto pela própria Rússia, há mais 100 anos, por mais palavras bonitas que se use, não consegue esconder o caráter imperialista desse ato.

Por sua vez, os Estados Unidos e a União Europeia fornecem tanques, mísseis, munições e bilhões de dólares ao governo corrupto de Volodimir Zelensky e dizem que querem a independência da Ucrânia. No entanto, aceleram o processo de ingresso desse país na União Europeia, o que, na prática, garante o domínio da economia ucraniana.

Assim, de acordo com as potências capitalistas, nenhuma delas tem interesse na exploração das riquezas ucranianas. Mas mentira tem pernas curtas. Com efeito, a Ucrânia é um dos países com mais terras férteis do mundo e um dos maiores produtores de cereais, grãos, legumes, sementes, açúcar, carne, leite, sendo chamado de grande celeiro da Europa. Em 2021, segundo o Conselho Internacional de Grãos, foi o quarto maior exportador mundial de milho e o sexto maior de trigo. A Ucrânia é rica em minério de ferro, carvão, manganês, grafite, titânio, magnésio, petróleo, níquel, madeira e possui uma importante base industrial. Trata-se, pois, de um país com um grande mercado consumidor para os monopólios capitalistas russos, chineses, europeus e norte-americanos.

A PARTILHA DO MUNDO ENTRE AS GRANDES POTÊNCIAS

Lamentavelmente, historiadores pequeno-burgueses elaboram teorias para esconder o caráter imperialista dessa guerra e desprezam a heroica e destemida luta que o povo ucraniano realizou por séculos para ter direito a sua pátria. Defendem que as fronteiras estabelecidas pelo império czarista são as que se devem aceitar, ignorando por completo que a grande Revolução Socialista de Outubro garantiu o direito à autodeterminação de todos os povos que viviam debaixo da tirania russa.

O que leva esses mestres da academia a essa posição é, além de uma total falta de confiança na revolução proletária, a ilusão de que na época de dominação do capital financeiro as contradições do

capitalismo diminuem, o que torna impossível, imaginam, uma alternativa revolucionária diante da guerra.

Ora, na fase imperialista do capitalismo a partilha do mundo pelas grandes potências não só continua ocorrendo, como se desenvolve de maneira ainda mais violenta, como mostra o esvaziamento de organizações como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial do Comércio (OMC), o avanço da guerra comercial principalmente entre EUA e China, a chamada “desglobalização” e dezenas de conflitos militares. Ademais, em virtude do agravamento da crise geral do capitalismo, tornam-se vital para os monopólios capitalistas e para o capital financeiro novas repartições de territórios e a posse das fontes de matérias primas, como mostrou Lênin em sua importante e atual obra *O imperialismo, fase final do capitalismo*.

Vejamos: “A particularidade fundamental do capitalismo moderno consiste na dominação exercida pelas associações monopolistas dos grandes patrões. Estes monopólios adquirem a máxima solidez quando reúnem nas suas mãos todas as fontes de matérias-primas, e já vimos com que ardor as associações internacionais de capitalistas se esforçam por retirar ao adversário toda a possibilidade de concorrência, por adquirir, por exemplo, as terras que contêm minério de ferro, as reservas de petróleo, etc. A posse de colônias é a única coisa que garante de maneira completa o êxito do monopólio contra todas as contingências da luta com o adversário, mesmo quando este procura defender-se mediante uma lei que implante o monopólio do Estado. Quanto mais desenvolvido está o capitalismo, quanto mais sensível se torna a insuficiência de matérias primas, quanto mais dura é a concorrência e a procura de fontes de matérias-primas em todo o mundo, tanto mais encarniçada é a luta pela aquisição de colônias”.

Com efeito, a redução do mercado mundial, os riscos de uma nova recessão nos EUA e na União Europeia, e as constantes crises comerciais e financeiras exigem que, para seguir concentrando e acumulando mais capital, a classe capitalista aumente a exploração dos trabalhadores, mas também tenha absoluto controle das fontes de matérias-primas e da produção agrícola, de combustíveis e de minérios.

Pois bem, diante desse mundo de guerras, desemprego, violência, fome, que caminho deve seguir a classe operária e os povos oprimidos tanto na Ucrânia quanto nos demais países?

O caminho da revolução, o caminho que levou o povo ucraniano a construir a República Socialista da Ucrânia e a esmagar o nazismo e o fascismo na 2ª Guerra Mundial.

De fato, desde o século IX, o povo que habitava Kiev, então sede do Estado eslavo, enfrentou diversos impérios cujo objetivo era escravizar seu povo e explorar suas terras. No século XIII, a região foi conquistada pelo Império Mongol e, em seguida, anexada à Comunidade Polaco-Lituana. Entre os séculos XV e XVII, os tártaros construíram um Estado nas margens do mar negro e a Ucrânia sofreu com invasões dos povos húngaro, otomano, sueco e russo. Nos séculos XVIII e XIX foi a vez do império austro-húngaro assumir o domínio das terras da Ucrânia. Agora, no século XXI, a Rússia (com apoio da China) trava uma guerra com os Estados Unidos e a União Europeia para decidir quem vai dominar a Ucrânia.

Houve, entretanto, um período – o período do socialismo – no qual a paz e a amizade triunfaram na Rússia e na Ucrânia. Recordemos. Nas primeiras décadas do século XX, o povo russo, tendo à frente o Partido Bolchevique, lutava pelo fim do czarismo e por uma república democrática e

revolucionária. Em outubro de 1917, os operários e os camponeses, dirigidos pelos comunistas, conquistam o poder e iniciam a construção da República Socialista Russa.

Com o nascimento da República Socialista Russa, ocorre o reconhecimento da independência e do Estado ucraniano, como mostra a mensagem de Lênin, de novembro de 1917, em nome dos Comissários do Povo ao povo ucraniano: “Nós, do Conselho dos Comissários de Povo, reconhecemos a República Popular ucraniana e seu direito de desligar-se completamente da Rússia”. (...) Nós reconhecemos imediatamente, sem reservas e sem condições tudo aquilo que é atinente aos direitos nacionais e à independência nacional do povo ucraniano”.

É, aliás, esta proclamação de Lênin reconhecendo a criação da Ucrânia que Vladimir Putin usa para afirmar que “A Ucrânia moderna foi total e completamente criada pela Rússia bolchevique, a Rússia comunista”.

Continuemos. Ainda em 1917, assume o governo da Ucrânia, a Rada Central Ucraniana, uma união de partidos burgueses e pequeno-burgueses, que se recusa a reconhecer o poder soviético e mantém as riquezas do povo nas mãos da burguesia e latifundiários. Em fevereiro de 1919, com o apoio da Rússia Socialista, os operários e camponeses ucranianos derrubam o governo da Rada. Mal tinha terminado essa batalha, a Alemanha invade a Ucrânia, dão um golpe de Estado e colocam no governo um chefe cossaco sob ordem direta do Exército alemão. Em novembro de 1919, após meses de combates, o Exército Vermelho e o povo ucraniano expulsam os invasores alemães e estabelecem a República Socialista da Ucrânia.

No começo de 1920, a Ucrânia e o Cáucaso do Norte são totalmente libertados do poder dos guardas brancos. Porém, em abril de 1920, tropas polonesas invadiram a Ucrânia e ocuparam a cidade de Kiev. Os soldados do Exército Vermelho lançaram uma contraofensiva, libertaram Kiev e expulsaram os polacos da Ucrânia. (*História do Partido Comunista Bolchevique. Edições Manoel Lisboa*)

Em 4 de janeiro de 1920, V.I. Lênin escreve a *Carta aos operários e camponeses da Ucrânia*, onde afirma: “A independência da Ucrânia foi reconhecida pelo Comitê Executivo da República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR) e pelo Partido Comunista (bolchevique) da Rússia. Por isso, é evidente – e foi reconhecido por todos – que só os operários e camponeses da Ucrânia podem decidir e decidirão a questão de unir a Ucrânia com a Rússia ou deixar a Ucrânia como uma república independente e, neste último caso, que tipo de ligação federativa deve estabelecer entre esta república e a Rússia. (...)”

Nós queremos uma união voluntária das nações: uma união que não tolere violência alguma de uma nação sobre outra, uma união que se baseie na plena confiança, na clara consciência da unidade fraternal, num acordo plenamente voluntário. Tal união não se pode realizar de um só vez; é preciso cuidado e paciência para não malograr a obra e provocar desconfiança, para dar tempo que desapareça a desconfiança promovida por séculos de opressão dos latifundiários e capitalistas e pelo regime da propriedade privada.” (*Obras Completas, tomo 40, Editorial Progresso, 1986*)

Com a criação da União Soviética, em dezembro de 1922, inicia-se uma nova época de grande amizade e cooperação entre os povos da Rússia e da Ucrânia. A URSS é fundada com base no princípio da autodeterminação dos povos, no respeito às diferenças culturais e com o propósito de

suprimir a propriedade privada dos meios de produção, liquidar as classes e construir o socialismo, visando a melhorar continuamente as condições materiais e espirituais de todos os povos.

Após décadas de construção do socialismo, em 1941, os alemães invadem a Ucrânia e a Rússia para se apoderar de suas terras e riquezas. Hitler manda destruir o socialismo e matar os comunistas e recebe o apoio do que ainda restava da burguesia ucraniana. Porém, o exército bolchevique e o exército dos operários ucranianos se unem e lutam para derrotar o invasor alemão, históricas batalhas são travadas e novamente a bandeira vermelha triunfa.

Como se vê, os comunistas além de terem sido os primeiros a reconhecer a independência da Ucrânia, lutaram e derramaram seu sangue para expulsar as tropas alemães e estrangeiras desse país e ajudaram os ucranianos a construírem uma nação próspera. Durante a existência da União Soviética, nem uma só cidade foi bombardeada, invadida ou anexada pela Rússia Socialista. Pelo contrário, os exércitos russo e ucraniano combateram juntos e juntos derrotaram os invasores estrangeiros e selaram um profundo compromisso com a soberania de ambos os povos. Fazer, pois, qualquer comparação entre a posição da Rússia socialista e de Lênin com o governo burguês de Putin é, no mínimo, uma falsidade histórica.

SOCIALISMO OU CAPITALISMO, EIS A QUESTÃO

Dito de outro modo, a inimizade entre russos e ucranianos estimulada hoje pelos governos da Rússia, dos Estados Unidos e pela União Europeia visa esconder que o verdadeiro inimigo é o sistema capitalista. Com efeito, a propriedade privada dos meios de produção e o capital nas mãos de uma minoria de bilionários produzem guerras e o ódio entre povos e nações. Tal rivalidade nunca existiu na URSS, pelo contrário, o que prevalecia era a colaboração entre os povos que formavam a União Soviética.

Ser socialista, portanto, não é capitular diante de um dos blocos capitalistas, mas defender o princípio da autodeterminação dos povos e denunciar todas as guerras imperialistas. Ser revolucionário é acreditar que a verdadeira paz só será possível com uma nova vitória da revolução socialista no mundo, o fim do sistema capitalista e da propriedade privada. É trabalhar para desenvolver a consciência de classe e a organização dos trabalhadores, das trabalhadoras e da juventude, é difundir a verdade, ou seja, que só existem dois caminhos para a humanidade: o socialismo ou barbárie!